



CONAHP
Congresso Nacional
de Hospitais Privados **2025**

Saúde em **RECONSTRUÇÃO**

Palco

SAÚDE DO FUTURO



Há 24 anos promovendo
qualidade e ética na saúde

anahp



INTEGRAÇÃO, CONFIANÇA E PROPÓSITO

O Brasil redesenhando o sistema de saúde no Conahp 2025

O Conahp 2025 consolidou mais uma vez sua posição como o maior congresso de saúde do Brasil, reunindo 6.654 participantes em 16 mil m² do Transamerica Expo Center, em São Paulo. A programação trouxe seis palcos simultâneos, com 175 palestrantes debatendo os principais desafios e transformações do setor. Uma das grandes novidades desta edição foi o Circuito de Saúde do Futuro, um espaço inédito de 730 m² que proporcionou

uma experiência interativa e imersiva pela jornada do paciente – do autoatendimento às terapias em casa.

A tradicional feira de negócios também ganhou relevância, reunindo 175 parceiros e patrocinadores e fortalecendo o networking qualificado que marca o evento. Nos dias 15 e 16 de outubro, o Conahp recebeu representantes do Ministério da Saúde, parlamentares, conselheiros da Anahp, lideranças de

todos os elos da cadeia e nomes nacionais e internacionais, reforçando o papel do congresso como ponto de encontro estratégico para discutir, construir e inspirar o futuro da saúde.

Todo o conteúdo do congresso foi dividido entre o Palco Central e outros cinco temáticos: Assistencial, Pessoas, Eficiência, Inovação e Saúde do Futuro. **Neste e-Book você encontrar a cobertura completa do Palco Saúde do Futuro.**

QUANDO INOVAÇÃO VIRA CUIDADO: HOSPITAIS, AMBIENTES E PESSOAS PRONTOS PARA O AMANHÃ

No Conahp 2025, o Palco Saúde do Futuro mostrou que prever o amanhã na saúde não é sobre futurologia, mas sobre preparar sistemas, espaços, tecnologias e pessoas para desafios que já chegaram. Das terapias avançadas e de alta complexidade às metodologias globais de transparência, os debates revelaram que hospitais precisam assumir um novo protagonismo: integrar ciência, governança e infraestrutura para entregar tratamentos de ponta com segurança, eficiência e equidade. Surgiram caminhos concretos para ampliar acesso às CAR-T, fortalecer métricas públicas de segurança, repensar fluxos assistenciais por meio da arquitetura e transformar ambientes em aliados ativos da clínica.

O palco também escancarou que o futuro não existe sem responsabilidade compartilhada. A crise ambiental já impacta a incidência e a complexidade do câncer, exigindo novas relações entre hospitais, indústria e políticas públicas. E, ao mesmo tempo, profissionais de saúde pedem proteção emocional tão vital quanto qualquer tecnologia. Sustentabilidade, nutrição, desenho de espaços, governança de dados e saúde mental apareceram como partes de um mesmo ecossistema. O recado é simples e urgente: sistemas que querem inovar precisam cuidar melhor: do paciente, do planeta e de quem sustenta a linha de frente.





TERAPIAS AVANÇADAS E O NOVO PAPEL DOS HOSPITAIS: INFRAESTRUTURA, GOVERNANÇA E ACESSO

No painel “O papel dos hospitais privados na era das terapias avançadas” foi debatido o avanço das terapias celulares, em especial a CAR-T, e como elas estão redefinindo responsabilidades clínicas, regulatórias e operacionais dos hospitais.

Participantes:



Edivan Cruzoé,
chefe do serviço de Hematologia do Hospital das Clínicas da Universidade Federal da Bahia e coordenador do Centro de Tratamento do Mieloma do Hospital São Rafael



Nelson Mussolini,
presidente executivo do Sindusfarma



Laura Murta,
Head de Economia da Saúde no Brasil da Origin Health (moderação)

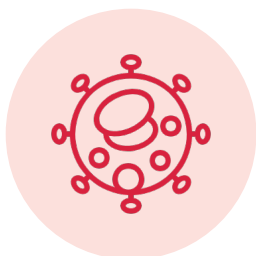
Terapias avançadas: tecnologia viva e complexa

O painel partiu do reconhecimento de que a CAR-T hoje é a expressão mais madura das terapias avançadas no país, exigindo processos rigorosos, centros certificados e equipes treinadas.

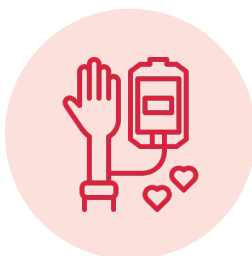
"A CAR-T não é um produto tradicional; é um processo vivo, individualizado e sensível ao tempo."

Edivan Cruzó

Pontos centrais:



Indicação atual restrita a pacientes recaídos e refratários;



Processo autólogo, com coleta, modificação genética e reinfusão;



Necessidade de equipes multiprofissionais treinadas em cadeia completa (coleta > logística > UTI > farmacovigilância).

Regulação que acompanha a inovação

Mussolini destacou que a Anvisa se preparou para essa classe terapêutica desde 2019, alinhada a FDA e EMA. A supervisão regulatória é contínua e baseada em resultados do mundo real.

"Muitas terapias chegam ao mercado com estudos em fase 2. A vigilância pós-registro é tão importante quanto o ensaio clínico."

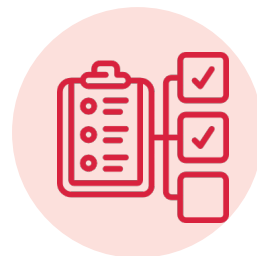
Nelson Mussolini

Diretrizes práticas:

Reporte obrigatório de cada infusão;



Monitoramento de eficácia e segurança em uso real;



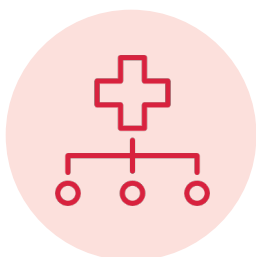
Atualização periódica de protocolos conforme evidências se consolidam.

Infraestrutura e cultura: o hospital como protagonista

A discussão reforçou que, na era das terapias avançadas, o hospital não é um ponto de atendimento, mas um centro de governança clínica.

“Sem equipes treinadas, processos integrados e infraestrutura preparada, não existe acesso real, mesmo com o produto aprovado.”

Edivan Cruzeiro

Requisitos essenciais:

Integração entre oncologia, UTI, emergência, farmácia e engenharia clínica;



Capacidade elétrica e logística adequadas para cadeia fria;



Protocolos claros para eventos adversos graves (como ICANS e CRS).

Pesquisa clínica como aceleradora de preparo

Centros envolvidos em estudos multicêntricos chegam mais rápido ao nível necessário de maturidade técnica e operacional.

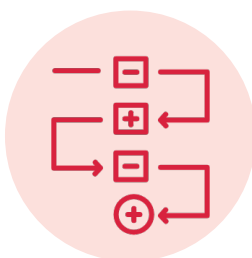
"A pesquisa antecipa capacidade: dá treinamento, cria cultura, ajusta infraestrutura."

Edivan Cruzó

Fatores que impulsionam:



Exposição prévia à tecnologia;



Padronização de fluxos;



Equipes mais confortáveis com complexidade e risco.

Indústria como parceira técnica, e não comercial

Mussolini reforçou que o papel da indústria começa cedo e é predominantemente técnico: apoiar certificações, atualizar protocolos e facilitar troca internacional de práticas.

"O objetivo não é empurrar produto, é garantir que o centro tenha segurança para operar."

Nelson Mussolini

Apoios estruturais:

Visitas e consultorias técnicas;



Suporte na formação de equipes;



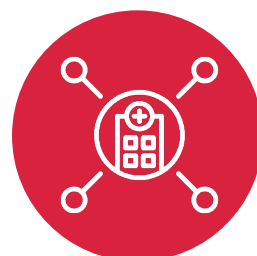
Alinhamento com padrões globais de qualidade.

Aprendizados do painel

Terapias avançadas exigem infraestrutura robusta e processos integrados.



Reguladores dependem de dados do mundo real para confirmar eficácia e segurança.



Hospitais tornam-se atores centrais, não coadjuvantes, na entrega dessas terapias.



Pesquisa clínica acelera preparo e reduz incertezas em novas tecnologias.



A indústria atua como parceira técnica, apoiando maturidade e certificação de centros.



Expansão de centros qualificados deve ampliar o acesso e moderação de custos no longo prazo.



ARQUITETURA, TECNOLOGIA E BEM-ESTAR COMPONDO ESPAÇOS QUE FACILITAM O CUIDADO

No painel “Ambientes de cura: o que vem a seguir?” as convidadas discutiram como o desenho do espaço deixou de ser mero suporte operacional para virar componente ativo do cuidado influenciando desfechos, experiência e eficiência.

Participantes:



Jean Mah,
Arquiteta especialista em saúde e diretora administrativa da Perkins&Will Los Angeles



Lara Kaiser,
líder de Design de Saúde e diretora de Operações da Perkins&Will São Paulo



Junia Gontijo,
diretora de Patrimônio, Engenharia e Infraestrutura do Einstein Hospital Israelita (moderação)

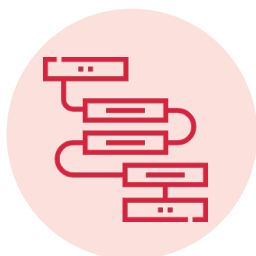
Arquitetura que escuta: do edifício ao organismo

Os painéis partiram da ideia de que hospitais não são estruturas estáticas, mas organismos que devem ser observados e ajustados conforme o comportamento de pacientes, equipes e familiares. Planejar hoje significa mapear jornadas reais, não só cumprir normas.

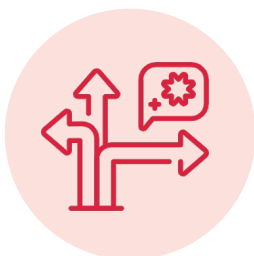
"Os ambientes precisam refletir a forma como as pessoas realmente se movem, trabalham e vivenciam o cuidado."

Jean Mah

Pontos práticos:



Mapear fluxos reais por observação direta (*shadowing*) e dados;



Priorizar intervenções que melhorem trajetos críticos (emergência > exames > internação).

Experiência como projeto: emoções que curam (ou atrapalham)

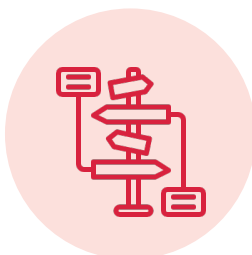
Lara lembrou que o projeto começa antes da porta: recepção, orientação e sensação de acolhimento impactam adesão, ansiedade e recuperação. O design deve antecipar emoções e reduzir estressores invisíveis.

"Não desenhamos salas; desenhamos experiências. O espaço comunica antes de qualquer profissional falar."

Lara Kaiser

Ações recomendadas:

Testar rotas de chegada e espera com usuários reais;



Criar pontos de orientação visual que reduzam incerteza;



Projetar “ilhas” de descanso para famílias e equipes.

Elementos sensoriais: luz, som, ar e natureza como intervenções clínicas

Foram destacadas evidências sobre sono, barulho e vistas para o verde: infiltrar natureza, controlar ruído e garantir qualidade do ar são intervenções com efeito clínico mensurável.

“Quando ajustamos o que não aparece na foto do projeto, a experiência clínica muda profundamente.”

Jean Mah

Táticas aplicáveis:

Priorizar luz natural e vistas em quartos e áreas de recuperação;



Adotar tratamentos acústicos em UTIs e enfermarias;



Avaliar qualidade do ar como indicador de projeto e operação.

Sustentabilidade, resiliência e contexto cultural

Projetos internacionais compartilhados pela equipe mostraram que sustentabilidade vai além do edifício: inclui uso racional da água, materiais não tóxicos e adaptação a riscos climáticos, sempre respeitando o contexto cultural local.

“Edificações resilientes protegem pessoas e serviços; é responsabilidade do projeto.”

Jean Mah

Boas práticas:



Incorporar estratégias de economia de água e captação local;



Usar materiais circulares e de baixo impacto químico;



Traduzir referências culturais em fachadas e sombreamentos funcionais.

Tecnologia: infraestrutura antes de espetáculo

A tecnologia foi tratada como ferramenta de eficiência — automação de logística, centros de comando clínico, wearables e inteligência para prever demanda. O consenso: preparar infraestrutura (energia, fibra, wireless) é mais importante do que prever qual gadget surgirá amanhã.

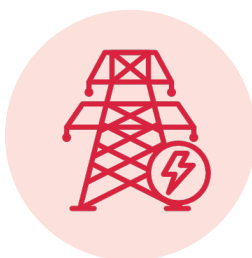
“A melhor tecnologia é a que desaparece aos olhos e aparece nos resultados.”

Jean Mah

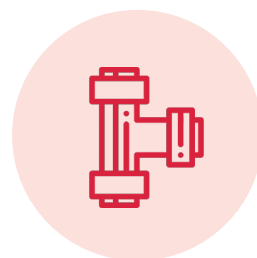


Checklist técnico:

Prever capacidade elétrica e redundância (geradores, baterias);



Garantir cobertura de rede sem pontos mortos;



Planejar espaços e shafts para futura inserção de equipamentos.

Aprendizados do painel

Projetar é mapear comportamentos: interação humano-espço deve guiar decisões.



Elementos sensoriais (luz, som, ar, natureza) influenciam desfechos clínicos.



Infraestrutura técnica robusta é pré-condição para inovações futuras.



Retrofit exige visão integrada (engenharia + operação + clínica), não apenas obra.



Arquitetura reduz riscos e melhora comunicação — quando pensada como parte do processo assistencial.



TRANSPARÊNCIA QUE TRANSFORMA: COMO A LEAPFROG MUDOU O PADRÃO DE SEGURANÇA HOSPITALAR NOS EUA

No painel “Case Leapfrog Group: a organização norte-americana que revolucionou o acesso público aos dados de desempenho de hospitais”, **Matt Austin**, professor associado da Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins e supervisor científico de pesquisa hospitalar do The Leapfrog Group, apresentou a metodologia que se tornou referência global em transparência, segurança e criação de incentivos para melhoria assistencial – e que inspirou diversos modelos internacionais, incluindo iniciativas de avaliação pública no Brasil.

A origem do modelo: quando o mercado exige segurança

Austin abriu a sessão lembrando que a Leapfrog nasceu de um movimento pouco usual na saúde: empresas compradoras de planos pressionando por qualidade, segurança e eficiência.

Ele explicou que o sistema americano, apesar de avançado tecnologicamente, seguia convivendo com variabilidade extrema, erros evitáveis e pouca transparência. Foi nesse contexto que um grupo de grandes empregadores criou a Leapfrog para “mudar o mercado pelo lado da compra”.



"TRANSPARÊNCIA NÃO É UM FIM EM SI MESMO. É UM INSTRUMENTO PARA ESTIMULAR EQUIPES, LÍDERES E SISTEMAS INTEIROS A SEREM MELHORES."

Matt Austin

Pontos-chave do surgimento



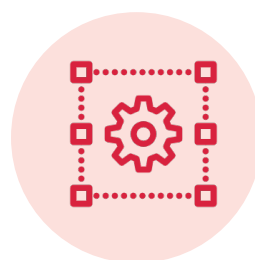
Empregadores queriam comparar desempenho com critérios objetivos



Hospitais tinham pouca visibilidade pública sobre segurança



Consumidores e pacientes não tinham instrumentos de escolha



Faltava padronização nacional em indicadores assistenciais

A metodologia: medir o que importa, não o que é fácil

Austin detalhou como a Leapfrog conseguiu transformar um problema complexo em um sistema simples e compreensível: as conhecidas Hospital Safety Grades, que atribuem notas de A a F para hospitais em todo o país.

"O desafio nunca foi medir. Foi tornar a medida compreensível, útil e acionável para quem decide."

O que a Leapfrog avalia



Eventos adversos
(infecções, quedas,
complicações
evitáveis)



Estruturas e processos
críticos (CPOE, proto-
colos, *staffing*)



Práticas de segurança
reconhecidas



Adoção de tecno-
logias que reduzem
riscos clínicos

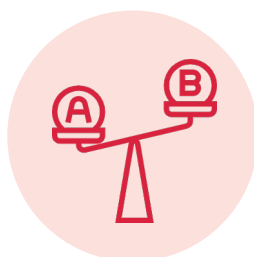
Critérios do método



Rigor estatístico



Padronização nacional



Comparabilidade
entre instituições



Publicação periódica
e acessível ao público

Por que publicar notas públicas muda comportamento

Austin reforçou que a premissa central da organização é simples: quando o desempenho vira público, ele vira prioridade.

“O hospital pode não se importar com um indicador. Mas ele se importa muito com uma nota exposta ao país inteiro.”

Efeitos observados nos EUA



Hospitais com notas baixas tendem a investir mais rapidamente em segurança



Gestores usam a avaliação para negociar prioridades internas



Pacientes e compradores começam a preferir instituições A e B



Organizações usam as notas como parte de sua comunicação institucional

Evidências de impacto: segurança, governança e cultura

A apresentação trouxe estudos mostrando que hospitais classificados como A apresentam taxas significativamente menores de mortalidade por eventos evitáveis.

Austin destacou que a nota não mede só evento, mede cultura, liderança e compromisso com segurança.

Aspectos que fazem diferença:



Adesão a práticas padronizadas



Estrutura de governança clínica ativa



Transparência interna e externa



Investimento em tecnologia assistencial



Cultura de reporte e aprendizado

“Nenhuma métrica funciona sozinha. O que funciona é o sistema inteiro se mover na mesma direção.”

Aplicações internacionais: o que países podem aprender

Austin reforçou que o modelo é adaptável, mas requer dois pré-requisitos: dados confiáveis e compromisso institucional.

Ele citou experiências internacionais que usaram bases da Leapfrog como inspiração, especialmente para:



Transparência de
indicadores



Estímulos regulatórios



Compras baseadas
em valor



Cultura organizacional
voltada para segurança

“Não existe transparência sem confiança. E não existe confiança sem métodos robustos.”

Desafios atuais: fadiga de métricas e alinhamento de incentivos

Matt abordou também os limites do modelo: hospitais convivem com múltiplas exigências regulatórias e podem sofrer “fadiga de métricas”. Ele defendeu coordenação entre governos, pagadores e acreditadoras para reduzir redundâncias.

Desafios citados:

Excesso de indicadores não harmonizados



Custos operacionais de coleta



Risco de foco exclusivo na "nota", sem mudança real



Desigualdade entre hospitais com capacidades diferentes

Aprendizados do painel

Transparência pública acelera melhorias em segurança.



Indicadores simples e padronizados são mais eficazes.



Notas influenciam comportamento de gestores e consumidores.



Cultura de qualidade exige governança forte e dados confiáveis.



Métricas funcionam melhor quando integradas a incentivos claros.



O modelo da Leapfrog é replicável, desde que adaptado ao contexto local.



CRISE AMBIENTAL ACELERA RISCOS ONCOLÓGICOS E COLOCA SUSTENTABILIDADE NO CENTRO DAS DECISÕES EM SAÚDE

A sessão patrocinada pela Danone no Conahp 2025 mostrou como o desequilíbrio ambiental já se tornou um vetor silencioso – e poderoso – de adoecimento. No palco, especialistas reforçaram que clima, nutrição, hábitos e sistemas sustentáveis formam hoje um único ecossistema. Para a oncologia, isso significa rever práticas, estruturas, políticas e relações com a indústria. A discussão extrapolou o alerta e trouxe caminhos concretos para que instituições públicas e privadas assumam responsabilidade diante de um planeta em colapso.

Participantes:



Victor Piana,
CEO do A.C.Camargo
Cancer Center



Renata Sartório,
Head de Hospitalar e
Discharge Channels da
Danone



Natália Cuminale,
fundadora e CEO do Futuro
da Saúde (moderação)

Do clima aos tumores: uma cadeia de impactos que já não pode ser ignorada

O painel começou com Piana trazendo evidências de que a crise ambiental influencia diretamente a oncologia. Ele destacou que mudanças climáticas, poluição e transformações sociais aumentam fatores de risco e ampliam desigualdades.

“Quando falamos de meio ambiente, não estamos falando de um tema distante da prática clínica. Estamos falando de determinantes reais da incidência de câncer”

Victor Piana

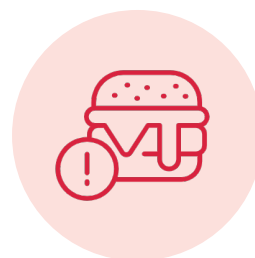
Três eixos que estão pressionando os centros oncológicos:



Exposição crescente a poluentes e substâncias carcinogênicas;



Condições socioeconômicas que dificultam prevenção e diagnóstico precoce;



Padrões alimentares e nutricionais impactados pela degradação ambiental.

No A.C.Camargo, e em outros centros de referência no mundo, o aumento da complexidade dos casos tem sido acompanhado por uma urgência evidente: integrar saúde ambiental ao planejamento assistencial.

Sustentabilidade como parte da responsabilidade clínica e não só corporativa

Renata Sartório trouxe a perspectiva da indústria e reforçou que empresas do setor de saúde e nutrição precisam migrar de um discurso de sustentabilidade para ações mensuráveis.

Ela enfatizou que práticas sustentáveis podem influenciar diretamente a jornada do paciente, tanto no ambiente hospitalar quanto na nutrição clínica e domiciliar.

Entre os pontos trazidos por Renata:



Sustentabilidade reduz desperdícios, melhora eficiência de processos e beneficia pacientes;



Inovação em produtos e embalagens tem impacto direto no ecossistema da saúde;



A indústria pode atuar como catalisadora de boas práticas quando trabalha em parceria com hospitais e governos.

"A pergunta já não é por que devemos agir. É com que velocidade conseguimos transformar nossa cadeia para proteger pacientes e o planeta"

Renata Sartório

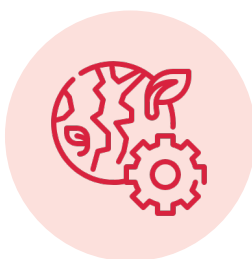
Nutrição, prevenção e qualidade de vida: conexões que se fortalecem

O debate avançou para o papel da nutrição como pilar crítico na prevenção e na qualidade de vida de pacientes oncológicos. A Danone apresentou evidências de como práticas nutricionais sustentáveis sustentam tanto a saúde humana quanto a saúde planetária.

O grupo destacou iniciativas que conectam:



Melhoria da qualidade nutricional de produtos;



Medição do impacto ambiental ao longo da cadeia produtiva;



Apoio ao cuidado centrado no paciente, dentro e fora do hospital.

Piana reforçou que, na oncologia moderna, a nutrição é tão estratégica quanto a inovação terapêutica.

“Nutrir bem o paciente é parte essencial do tratamento. E isso exige olhar para toda a cadeia, inclusive a ambiental”

Victor Piana

Colaboração sistêmica: a única resposta possível

Conduzindo a conversa, Natália Cuminale reforçou que sustentabilidade e saúde não podem mais ser agendas fragmentadas. A solução exige pactos entre diferentes atores.

O painel destacou caminhos concretos para esse avanço:



Incorporar métricas ambientais às métricas de qualidade assistencial;



Promover políticas públicas que integrem clima, prevenção e saúde;



Fortalecer consórcios de pesquisa sobre impactos ambientais na oncologia;



Incentivar transparência e responsabilidade compartilhada entre indústria, hospitais e governo.

Natália fechou o debate ressaltando que saúde e sustentabilidade são indissociáveis:

"Se o planeta está em desequilíbrio, os corpos também estarão. É responsabilidade de todos nós – indústria, gestores, médicos, pesquisadores – responder a esse alerta."



CHAMADO URGENTE PARA LIDERANÇAS: COMUNICAÇÃO, RESPONSABILIDADE E NOVOS HÁBITOS PARA PRESERVAR QUEM CUIDA

Em uma das falas mais energéticas do Conahp 2025, a jornalista **Izabella Camargo** subiu ao palco para provocar, questionar e virar algumas chaves sobre saúde mental. Com humor, mão na massa e analogias potentes, no painel “Antes do adoecer, EPIs da saúde mental”, ela convidou os participantes a enxergarem a saúde mental como um conjunto de “EPIs invisíveis”, tão necessários quanto os físicos.

Saúde mental começa pela comunicação e por reconhecer o óbvio

Izabella abriu sua fala descontraindo a plateia, mas rapidamente foi ao ponto: não falta informação dentro dos hospitais; falta comunicação real: clara, humana e disponível.



“NÓS ESTAMOS ADOECENDO POR FALTA DE COMUNICAÇÃO, NÃO POR FALTA DE INFORMAÇÃO.”

A provocação nasce da constatação de que mesmo riscos visíveis exigem estímulo e orientação para o uso de EPIs. Se é assim com o que se vê, imagine com o que é invisível.

EPIs físicos x EPIs emocionais: quando a proteção não aparece, o risco aumenta

Com exemplos práticos – capacete, óculos, luvas, máscara – Izabella lembrou que nenhum profissional duvida da necessidade de proteger o corpo. Mas quando o assunto é proteger a mente, ainda há resistência, normalização do sofrimento e silenciamento.

Se para riscos físicos ainda é difícil garantir uso de EPI, o que dizer dos riscos emocionais?

Ela reforçou que:



O risco psicológico é menos percebido



O desgaste é contínuo



O impacto na produtividade e segurança é real



A crise de saúde mental não é mais silenciosa

“Se eu vejo notícias sobre aumento de afastamentos por saúde mental, isso não é normal.”

Uma vida só: o falso dilema entre pessoal e profissional

Um dos pontos centrais da fala foi desmontar o mito do “equilíbrio” entre vida pessoal e profissional.

“Vida é uma só. O que você faz fora impacta dentro, e o que faz dentro impacta fora.”

Com humor, Izabella pediu que a plateia olhasse para o cotidiano: imprevistos, pressões familiares, dores, correria. Nada disso fica do lado de fora na catraca.

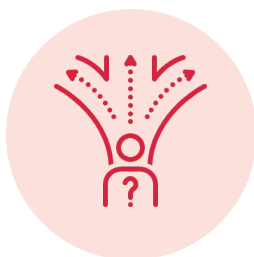
Variáveis ocupacionais: parar de reclamar do jogo que se escolheu

Usando um exemplo com uma participante da plateia, Izabella mostrou como cada profissão tem características intrínsecas, e resistir a elas drena energia.

Pergunta-chave:

“Você está sofrendo com um problema ou com uma característica básica do jogo que escolheu jogar?”

Ela listou variáveis inevitáveis no ambiente hospitalar:



Imprevistos
constantes



Pacientes com
dor e pressa



Pressão assistencial



Múltiplas demandas
simultâneas

Reclamar disso, segundo ela, é como ser piloto e reclamar da altura.

Emoções moldam comportamento: o básico que ninguém aprende

Izabella trouxe as cinco emoções fundamentais: medo, raiva, tristeza, alegria e nojo. E explicou como elas influenciam diretamente:



Reações aos
imprevistos



Interpretações
de situações



Interações com
a equipe



Possíveis percepções
de assédio

"Será que você não está gastando energia demais diante de uma formiga achando que é um leão?"

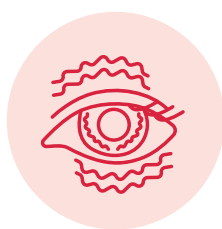
Os sinais que a liderança não pode ignorar

Com base na própria experiência de *burnout*, Izabella apresentou as "colunas" de sintomas: dos mais sutis aos mais alarmantes.

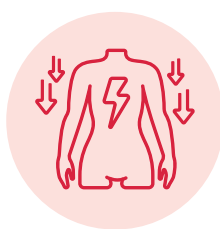
Sinais iniciais (normalizados):



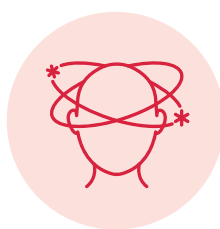
Dor de cabeça
constante



Tremor nos
olhos



Baixa
imunidade



Tontura



Bruxismo

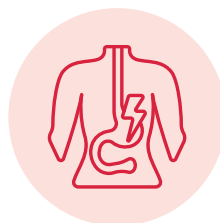
Sinais intermediários:



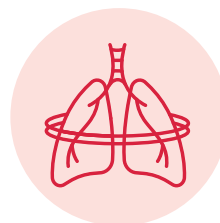
Insônia



Taquicardia



Problemas
gastrointestinais

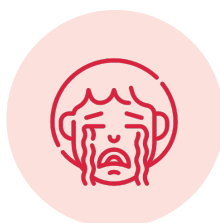


Falta de ar

Sinais graves:



Lapsos de memória



Crises de choro



Ansiedade intensa

Sinais críticos:

Isolamento



Agressividade

"O próximo passo depois disso são ideias suicidas. E vocês escolheram cuidar de pessoas."

Presenteísmo: o risco que não sangra

Izabella reforçou que, na gestão de equipes, o presenteísmo é mais perigoso que o absenteísmo:



No absenteísmo, a pessoa está afastada e em tratamento.



No presenteísmo, ela está ali, mas não está bem – e isso é invisível.

Cuidar da mente como se cuida dos dentes

Com sua comunicação leve, ela resumiu:

"Se escovamos os dentes todos os dias, por que não cuidamos da saúde mental todos os dias também?"

O recado final reforçou responsabilidade, coerência e exemplo:



Não dá para propor mudanças sem mudar primeiro



Promoção da vida pede conversas difíceis



Disponibilidade é o novo diferencial do líder